

ÍNDICE SISTEMÁTICO

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO	5
PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO	7
Capítulo 1.º — PRELIMINARES	9
I. JUNTO DAS ORIGENS	
§ 1. O impensado, medida de grandeza da obra do pensamento	9
§ 2. Dois tipos de interpretação tomista: o historicista (Gilson) e o recriador (K. Rohner)	10
§ 3. Características da presente interpretação	13
II. MÉTODO	
§ 4. Identidade fundamental com a fenomenologia heideggeriana	17
§ 5. A linguagem como meio manifestativo do pensamento	18
§ 6. Metáfora accional, processo manifestativo originante da fala	20
§ 7. A essência metafórica da fala como único processo de comunicação humana	28
§ 8. Valência manifestativa da metáfora original	30
§ 9. Primeiro procedimento metódico fundamental: a <i>etimologia</i> como manifestação do autêntico na veracidade da fala	32
§ 10. Três procedimentos metódicos subsidiários: detecção da proliferação metafórica e da revivência da metáfora primitiva, focalização convergente do núcleo metafórico	34
§ 11. Segundo procedimento metódico fundamental: a elaboração linguística	35
§ 12. Características do latim medieval	36
§ 13. Características da linguagem tomista	38
§ 14. A significação metafórica segundo S. Tomás	40
§ 15. Valor manifestativo da metáfora com respeito ao impensado racionalmente impensável segundo S. Tomás	44
§ 16. O uso da etimologia como função reveladora da metáfora original	46
§ 17. Processo dialéctico-sistemático do pensamento tomista	51
§ 18. Terceiro procedimento metódico fundamental: aplicação do primeiro fundamental e dos três subsidiários aos textos tomistas	52

III. JUSTIFICAÇÃO DO MÉTODO	53
§ 19. Solução das dificuldades providas da linguística	54
§ 20. Refutação das asserções e dos pressupostos filosóficos do <i>estruturalismo</i>	58
§ 21. Cegueira noético-ontológica dos analistas da linguagem do Círculo de Viena e dos ingleses	66
§ 22. Análise e recriação da fala, único método de acesso ao silêncio fecundante das origens	69
IV. PLANO DA INVESTIGAÇÃO	71
Capítulo 2.º — PERCEPÇÃO E JUÍZO	73
I. PERCIPERE	
§ 1. Conteúdo semântico de <i>percipere</i>	73
§ 2. <i>Inteligência e razão</i> : diferença dos seus processos perceptivos	79
§ 3. Dois actos da <i>inteligência pura</i> : percepção e juízo	83
§ 4. Características da percepção intelectual pura e sua função noética em ordem ao juízo	85
§ 5. <i>Intuito</i> : revelação metafórica de estrutura noética da percepção intelectual pura	92
§ 6. Natureza aconceitual do <i>intuito</i>	94
§ 7. Noção autêntica de objecto e objectos do <i>intuito</i>	96
§ 8. <i>Ser</i> , objecto próprio do intuito	97
§ 9. Diferença entre <i>conceptus entis</i> e <i>intellectus entis</i>	98
II. EXPERIRI	
§ 10. Revelação metafórica da estrutura vivencial de <i>experiência</i>	102
§ 11. Dupla raiz da ressonância emocional da experiência noética	104
§ 12. Exigência do contacto sensorial externo e integridade sinérgica da experiência	105
III. JUDICIUM INTELLECTUS	
§ 13. Polissemia do vocábulo <i>judicium</i> em S. Tomás e seu núcleo metafórico comum	106
§ 14. Distinção entre o juízo da inteligência e o juízo da razão	110
§ 15. Natureza aconceitual e consumativa do juízo da inteligência na apercepção da verdade	117
IV. VIA INVENTIONES ET VIA JUDICII	
§ 16. Processo circular resolutivo do conhecimento humano e sua causalidade noética	119
§ 17. Função noética do <i>intuito</i> como <i>mente</i>	121
§ 18. Congenitidade entre conhecer e ser, fundamento da determinação redutiva do juízo da inteligência	123
§ 19. Processo redutivo exarado no <i>De Ver.</i> 1,9	124
§ 20. Terminação ao contacto sensorial externo	126

V. VERDADE ANTE-PREDICATIVA, PREDICATIVA E TRANS-PREDICATIVA

- § 21. Com-conhecimento e expressão ante-predicativos 127
 § 22. Conhecimento e expressão predicativos 128
 § 23. Conhecimento e expressão trans-predicativos 129

VI. JUDICIUM SENSUS

- § 24. Oscilação doutrinal sobre o juízo dos sentidos em S. Tomás 130
 § 25. Integração da experiência noética humana no *sensibili per accidens* ou sensível concomitante 132

VII. JUÍZOS DE PERCEPÇÃO 133

Capítulo 3.º — SITUAÇÃO PROBLEMATICA 135

I. ESTRUTURA NOÉTICA DO JUÍZO DE PERCEPÇÃO EXTERNA

- § 1. Contetúdo noético da expressão *cadere sub sensu* 135
 § 2. Estrutura condicional composta do juízo de percepção 139
 § 3. Conhecimento intelectual do nexu ilativo necessário 141

II. JUÍZO DE EXISTÊNCIA

- § 4. Pluralvência exegética do pensamento aristotélico: essencialismo radical; conhecimento existencial pela *doxa*; sentido existencial de *ousia* 144
 § 5. Igual pluralvência com respeito a S. Tomás: a interpretação essencialista e sua falência noética 146
 § 6 A interpretação existencialista e sua falência noética 149

III. CONHECIMENTO DOS INDIVÍDUOS MATERIAIS

- § 7. Condicionamento histórico-sistemático, novidade e estado incipiente e inacabado da solução tomista 157
 § 8. Descoberta da experiência noética latente pelo método fenomenológico 159
 § 9. Valor metafórico-noético de *intelligere, speculari, inspicere e contemplari in phantasmata* 162
 § 10. Função da imaginação e da cogitativa em ordem ao conhecimento intelectual do indivíduo material em concreto 167
 § 11. Estrutura noética da *conversio ad phantasmata* 170

IV. A PERCEPÇÃO DO «EU»

- § 12. A hipótese interiorista e sua impossibilidade 175
 § 13. Natureza aconceitual, reflexiva e com-conhecitiva da auto-percepção da alma 176
 § 14. Autoconhecimento da alma como guarda da verdade do ser 178
 § 15. Autoconhecimento da alma como «eu» ou o «si-mesmo» do ser manifestado no agir como ser em acção de ser 179
 § 16. Identidade possível de processo noético em relação ao ser do mundo externo 183

V. TERMO E FIM DO JUÍZO	
§ 17. Paralelismo do binómio <i>percepção e juízo</i> com a relação entre a <i>conversio ad phantasmata</i> e a <i>conversio ad sensibilia</i>	184
§ 18. Natureza noética do estado de vigília e sua fundamentalidade em ordem à determinação judicativa	186
§ 19. Liberdade de julgar entre as «semelhanças» e as «coisas», função noética distintiva da vigília e do sonho	187
§ 20. Estrutura fenomenológica da <i>conversio ad sensibilia</i> como ocupação vigilante	191
§ 21. Condição humana da <i>conversio ad sensibilia</i> para todo o juízo quer da inteligência quer da razão e a objectividade judicativa de <i>res e coisa</i>	194
§ 22. Duas dificuldades exegéticas e sua solução	199
§ 23. Essencialidade do juízo de percepção na <i>conversio ad sensibilia</i> e o seu problema noético fundamental	201
<i>Capítulo 4.º</i> — CAMINHOS TRILHADOS	205
I. PERSPECTIVA NOÉTICA	
§ 1. Prioridade da fundamentação metafísica do juízo de percepção e falsidade de semelhante procedimento	205
II. PERSPECTIVA NOÉTICA	
§ 2. Solução de J. Péghaire, acerto da sua atitude e erros do seu procedimento	207
III. A INTEGRAÇÃO PERCEPTIVA	
§ 3. Acuidade crítica do problema noético dos juízos de percepção em Roland-Gosselin	209
§ 4. Viciação psicologista e essencialista da sua perspectivação resolutória	212
§ 5. Vã tentativa de superação em C. Fabro	216
IV. A VERIFICAÇÃO OPERACIONAL	
§ 6. Solução de P. Hoenen baseada no <i>facientes cognoscunt</i>	217
§ 7. O pressuposto essencialista e hiatos lógicos de tal procedimento	219
<i>Capítulo 5.º</i> — A PERGUNTA RESOLUTIVA	223
I. POR OUTRO CAMINHO	
§ 1. A novidade do caminho seguido por Aristóteles e S. Tomás em relação aos sofistas	223
§ 2. A novidade aristotélico-tomista consiste na noeticidade do estado de vigília	225
§ 3. Consonância desta novidade com a vivência noética naturalmente contida no procedimento humano	227
§ 4. Possibilidade de uma dupla interpretação e necessidade de um esclarecimento	230

II. SISTEMA E EXPERIÊNCIA

§ 5. Dois grandes obstáculos àquele esclarecimento: os hábitos socialmente inculcados e a tendência inata para a sistematização ...	232
§ 6. Análise da noeticidade das convicções do conhecimento vulgar sobre a sensibilidade externa	234
§ 7. Relação do sistema aristotélico-tomista com as convicções do senso comum	239

III. SENSIBILIZAÇÃO DO INTUITO

§ 8. Noção e importância para o esclarecimento pretendido	241
§ 9. Prefiguração do intuito no comportamento animal	242
§ 10. Sintomas da ausência do intuito nos animais	245
§ 11. Superioridade e inferioridade da sensibilidade humana com respeito à dos animais, devidas à famulação noética	248
§ 12. Especificação e hierarquização famulativa dos sentidos segundo três critérios: metafísico, bio-psíquico e noético ...	252
§ 13. Principalidade da vista em ordem à percepção da essência e principalidade do tacto em ordem ao juízo da existência ...	255
§ 14. Reflexo da famulação noética dos sentidos na própria compleição anatómica do homem	256
§ 15. Sinergia, mútua redundância e interferência de todas as potências humanas numa experiência integral	260
§ 16. Modalização funcional do intuito pela repercussão emocional sensitiva e pela <i>maneira</i> com que os sentidos o servem	262
§ 17. Estrutura noético-existencial da sensibilização do intuito ...	264

IV. OBJECTIVIDADE FORMAL E JUSTIFICAÇÃO NOÉTICA

§ 18. Equivocidade da doutrina que atribui aos sentidos o conhecimento dos singulares materiais em virtude de pressupostos sistemáticos	267
§ 19. Clara apercepção de que os sentidos não apreendem nem o ser, nem a substância, nem a essência, nem a natureza das qualidades sensíveis, nem a dos próprios actos	269
§ 20. Análise do processo psico-noético da crença na objectividade formal das sensações	272
§ 21. Os dois princípios que fundamentam a validade parcial daquela crença	276
§ 22. Influência deturpante de elementos sistemáticos e de convicções acrílicas do senso comum	277

V. PERGUNTA RESOLUTIVA

§ 23. Encetamento da aclaração fundamental: duplicidade estrutural do sentir como <i>pati</i> e <i>agir</i> , intersecção accional do sujeito e do objecto	285
§ 24. Contingência do acontecer sensorial, base latente da indestrutível convicção da existência de uma realidade externa ...	287
§ 25. Descartamento de uma fundamentação metafísica e do equívoco implicado no sentir como representação	290
§ 26. Manifestação do ser da coisa na estrutura dinâmica ou accional do sentir	292

§ 27.	Prosseguimento da aclaração pela análise dos textos em que S. Tomás mostra como Cristo provou aos apóstolos a verdade da Sua ressurreição: faturação noética da vista e do tacto	293
§ 28.	Importância noética do tacto manual — <i>palpar</i> , em concordância com Merleau-Ponty e a psicologia genética	297
§ 29.	Intenção noética da apalpação como procura do sólico ...	301
§ 30.	Estrutura accional da palpação como agir do <i>eu</i> e do <i>outro</i>	302
§ 31.	Intenção noética da palpação como experiência divisiva do <i>uno</i> e no <i>uno</i> do <i>ser</i>	304
§ 32.	A hipótese do <i>nada</i> e a <i>agonia</i> como raízes noéticas da <i>experiência original</i>	306
§ 33.	O esquema noético da <i>pergunta</i> como estrutura essencial da palpação divisiva	308
§ 34.	Valência ontológica do <i>resistere</i> que responde ao <i>perguntar</i>	312
§ 35.	Justificação noética original do juízo de percepção	315
§ 36.	Validade ontológica e integridade humana da vivência noética descoberta em contraste com o inserimento sensista de Merleau-Ponty e o <i>ek-staticismo</i> de Heidegger	316
§ 37.	<i>Ex-sistere</i> e <i>re-sistere</i> , ser do intuito humano e ser da coisa	320

VI. CONATURALIDADE NOÉTICA

§ 38.	Conaturalidade do intuito humano com o ser sensível da coisa, causa da inabalável certeza do juízo de percepção ...	322
§ 39.	Recapitulação das características do estado de vigília que serve de fundamento a todo o juízo humano	324

Capítulo 6.º — A PORTA DO SER 327

I. SENTIR E CO-AGIR

§ 1.	Interpretações adulterantes da natureza noética da experiência perguntativa: anti-intelectualismo de Maine de Biran, Scheler e Harteman	327
§ 2.	Psicologismo intelectualista de W. Hamilton	328
§ 3.	Explicação psicológica da causalidade, particularmente em J. Piaget	329
§ 4.	Racionalismo escolástico e científico	334
§ 5.	Apriorismo categorial da redução existencial heideggeriana	335
§ 6.	Primado da afectividade na <i>Sorge</i>	337
§ 7.	Anterioridade objectivante de <i>Welt</i>	339
§ 8.	Ocultamento do carácter ontológico da resistência em Heidegger	341
§ 9.	Interpretação autêntica da <i>Sorge</i> como <i>cuidado</i> ou jeito do intuito e do ser	344
§ 10.	Equívoco da identificação do sentir com a imagem sensorial, paralela à identificação entre a <i>dictio</i> e a <i>intelectio</i> e entre a essência e o ser	345
§ 11.	Aclaramento do modo como o ser do eu e do outro se manifesta no sentir como com-agir	348
§ 12.	Verificação do anunciado paralelismo entre o modo por que o ser do eu assoma no agir psíquico e o modo por que o ser do outro assoma no sentir	349

II. A COISA É COM-CAUSA

§ 13. Falta de fundamento para uma recta compreensão de coisa na zona do pensamento predicativo	352
§ 14. Descoberta da essência da coisa em diálogo com Heidegger	353
§ 15. A instrumentalidade útil como essência da <i>mera coisa</i>	354
§ 16. Modos de ocultamento da essência da <i>mera coisa</i> no pensamento ocidental	355
§ 17. A instrumentalidade instaladora de um mundo como essência da <i>mera coisa</i>	357
§ 18. Adunação citativa do quarteto mundano como essência da <i>mera coisa</i>	359
§ 19. Obliteração do apelo judicativo da coisa no pensamento heideggeriano	367
§ 20. Carácter derivado de <i>res</i> como transcendental	368
§ 21. Essência original de coisa como <i>res naturalis</i> ou o que tem um <i>ser rato e firme</i> na natureza	369
§ 22. Noção de natureza como o ser que assoma ao intuito agindo no sentir nascendo ou vindo ao ser no agir	371
§ 23. A <i>mera coisa</i> é o <i>ens sensibile praesens</i> que se manifesta no processo de vir a ser nascendo, ou seja, a <i>res nata</i>	374
§ 24. O <i>presentear-se</i> da coisa e o <i>re-presentar</i> da saudade	376
§ 25. O nascer da coisa consiste num apelo ao intuito para uma dupla ratificação	378

III. A PORTA DO SER

§ 26. Atitude interrogante das coisas como universo e correspondente função horoscopante do intuito: <i>desidério</i> e <i>consideração</i>	379
§ 27. Vocação do intuito para a vigilância decifradora do nascer das coisas e orientadora do seu proceder para o mais ser ...	381
§ 28. Metáforas noéticas de <i>porto</i> , <i>porta</i> , <i>apelar</i> , <i>impelir</i> , <i>agir</i> e <i>abrigo</i>	383
§ 29. Revelação do sentir como <i>porta do ser</i> e novo esclarecimento da vocação do intuito à luz daquelas metáforas	384
§ 30. Revelação metafórica do sentir como <i>ir em viagem com o outro</i> sob o comando do intuito	386
§ 31. A função do homem no universo como decifrador das sinas e condutor de todo o nascido para a auto-identificação no ser em procedimento de mais ser	388
§ 32. O sentido noético-ontológico da hominização e da humanização do universo	390
§ 33. Consonância entre a experiência descoberta em S. Tomás e o pensamento de Teilhard de Chardin	394

<i>Capítulo 7.</i> — COMPORTAMENTO NOÉTICO	399
---	-----

I. RATIFICAÇÃO QUIDITATIVA

§ 1. Intenção do presente capítulo: investigação da fundamentalidade da pergunta resolutiva com respeito ao conhecimento racional	399
§ 2. Dificuldades da ratificação inquisitiva quanto à quididade e quanto à existência	400

§ 3.	Identidade entre a <i>razão das coisas</i> e a estrutura quiditativa ou entre o <i>porquê</i> e o <i>quê</i>	403
§ 4.	As leis do ser ao irisar-se quiditativamente e do conhecer ao inquirir e julgar o <i>quê</i> do ser	408
§ 5.	Carácter provisório da hipótese inventiva e esperança de superar os seus limites	410
§ 6.	Superação da crença vulgar na objectividade das imagens sensoriais e da sistematização cosmológica pelo exercício da pergunta resolutive	414
§ 7.	Subjacência noeticamente fundamentante da pergunta resolutive no método da ciência moderna	417
§ 8.	Identidade entre o esquema noético da pergunta resolutive e o do <i>experimentum crucis</i>	421
§ 9.	Equivalência da desantropomorfização do progresso científico ao discernimento entre «semelhança» e «coisa»	422
§ 10.	Significado noético da lei de indeterminação de Heisenberg	423
II. CONTINUIDADE, SOCIALIDADE E TEMPORALIDADE DO COMPORTAMENTO NOÉTICO		
§ 11.	Natureza evolutiva do conhecimento humano	425
§ 12.	Identidade funcional noética da pergunta resolutive no conhecimento infantil e no adulto como determinante da continuidade evolutiva do conhecimento individual	426
§ 13.	Crítica de E. Meyerson à interpretação alógica do pensamento primitivo	434
§ 14.	Demonstração etnológica da identidade dos processos lógicos do pensamento primitivo e do pensamento científico segundo Lévi-Strauss	435
§ 15.	Causas da imperfeição do pensamento primitivo e a identidade dos seus processos com os da experiência noética descoberta	439
§ 16.	O esquema noético da experiência perguntativa como determinante da continuidade evolutiva do pensamento colectivo	443
§ 17.	Carácter social do conhecimento humano resultante da vocação ontológica da espécie humana e do esquema noético da pergunta resolutive	444
§ 18.	Essencialidade temporal do carácter evolutivo do pensamento humano: impossibilidade de atingir o termo da evolução dentro do tempo e radicação de tal temporalidade no processo perguntativo	448
III. O MOMENTO RESOLUTIVO		
§ 19.	Apuramentos feitos em ordem à integração da pergunta resolutive na redução transcendental	450
§ 20.	Diversidade de fontes e instabilidade interpretativa na elaboração do conceito de verdade em S. Tomás	451
§ 21.	Experiência de fundo pessoal: fundamentalidade do ser em relação à verdade como manifestação do ser na congenitidade entre conhecer e ser	461
§ 22.	Integração da <i>resolutio ad sensum</i> , própria da pergunta resolutive, na redução transcendental em que se dá a apercepção judicativa da verdade na manifestação do ser	464
§ 23.	Manifestação do Ser no ser do intuito e no ser de coisas como fundamento	467
§ 24.	Apuramento final	470

IV. A PERGUNTA E O MUNDO

§ 25. Consonância original entre a função noética da <i>pergunta</i> e a vivência contida e expressa em <i>mundus, kosmos</i> e <i>saeculum</i>	472
§ 26. Características da vivência contida e expressa em <i>Welt</i> e <i>world</i> : temporalidade interiorizante e anulamento da função	476
§ 27. Influência da vivência mundana de <i>Welt</i> e <i>world</i> no pensamento filosófico de Hegel e Kant	477
§ 28. Posição intermédia da experiência mundana em Heidegger e o seu congénito interiorismo categorial	479
§ 29. Correspondência do <i>mundo latino</i> à integridade experiencial noética da pergunta resolutiva	482
BIBLIOGRAFIA	483
INDICE ONOMÁSTICO	498
INDICE TEMÁTICO	501
INDICE SISTEMÁTICO	509